

**UM PASSEIO A MINAS***Arthur Azevedo*

180

181

*É este o título de uma série de artigos em que Arthur Azevedo vai dar aos leitores de "O Paiz" as suas impressões sobre diversos pontos do nosso Estado e particularmente sobre esta Capital, onde o festejado escritor passou ultimamente alguns dias.*

*Eis o primeiro artigo:*

## I

"O ex-comandante do bravo batalhão Tiradentes, coronel Alfredo Vicente Martins, a quem está confiado atualmente o comando da Brigada Policial de Minas Gerais, convidou-me, por intermédio do nosso comum amigo, Antônio Machado, negociante de móveis e tapeçarias (Quitanda, 22-A), para visitar Belo Horizonte, a nova capital mineira.

O amável convite veio ao encontro do meu desejo. Há muito tempo me aguçava a curiosidade aquela capital moderna, erguida como por encanto num obscuro arraial, que não figura em nenhum passo da história de Minas.

Apesar de americanos, tão pouco habituados estamos a esses americanismos, que o fato é realmente extraordinário, principalmente em Minas, que dos nossos Estados é, não o mais rotineiro, como se diz, porém o mais cioso, talvez, das tradições do passado, o que, longe de ser um defeito, é uma qualidade.

No dia 2 de novembro arranjei a mala, jantei mais cedo que de costume, e, enquanto parte da população carioca se dirigia aos cemitérios, para visitar os mortos, fui ter à bela estação da Estrada de Ferro Central do Brasil, onde já encontrei o meu bom companheiro de viagem, o aludido sr. Machado.

O trem partiu às 5 horas.

A jornada não teve nenhum incidente que mereça ser notado. Não perderei o ensejo de louvar, mais uma vez, o magnífico serviço da estrada, que atualmente não deixa nada a desejar.

Parte da viagem fizemo-la naturalmente á noite, e não havia luar, o que foi uma sensaboria para mim, que de Minas só tinha visto Juiz de Fora e Poços de Caldas. Tanto na ida como na volta, a Mantiqueira, de que me falam com tanto entusiasmo e que eu desejava ardentemente conhecer, estava lugubrememente envolta nas trevas misteriosas da noite.

Dia claro, depois da baldeação em Lafaiete, a excursão tornou-se mais interessante. Começaram a desenrolar-se aos meus olhos lindos panoramas inéditos, aspectos completamente novos para mim, — e desde que numa curva do caminho, no pontilhão de Bem-te-vi, me apareceu, o lendário Rio das Velhas, deslizando voluptuosamente, como fatigado de caminhar há tanto tempo, a paisagem tornou-se ainda mais encantadora.

Vi, de longe, Sabará, tão atraente com as suas sete igrejas e o seu pitoresco aspecto colonial, que, eu não fosse esperado em Belo Horizonte, ali me demoraria até a passagem de outro carro.

Qualquer dia lá irei. Agora, que já conheço o caminho, não me será isso difícil.

De passagem notei que há em Sabará uma ponte de que ninguém até agora fazia caso, mas que é hoje mostrada com interesse: foi construída pelo falecido engenheiro Henrique Dumont, pai de Santos Dumont.

Vi, também de longe, a antiga cidade de Caeté, onde o dr. João Pinheiro, em boa hora divorciado da política, estabeleceu uma importante fábrica de louças, cujos produtos estão sendo muito acreditados, e com justiça.

Dizem que na velha igreja, quase arruinada, que domina aquela povoação, existe grande quantidade de objetos de ouro e prata, preciosíssimos, não só pelo valor pecuniário como pelo artístico. Pessoas do povo acrescentam que no chão da igreja está enterrado um tesouro ainda mais considerável.

Na estação de Raposos, vi, também de longe, a igreja mais antiga de Minas Gerais: foi edificada em 1714. Não hei de morrer sem lá entrar.

Belo Horizonte começa, por bem dizer, na estação Gomes Carneiro. O espaço que dali por diante se percorre pode ser considerado o corredor da nova capital.

O edificio da estação Gomes Carneiro é de uma arquitetura curiosa: forma um triângulo, com as três faces perfeitamente iguais.

Não sei se no interior do edificio aqueles três ângulos oferecerão algum inconveniente; o efeito externo é original e artísti-

co faz honra ao malogrado arquiteto brasileiro José de Magalhães, barbaramente assassinado nos Campos do Jordão.

Dessa estação em diante, isto é, já nos domínios de Belo Horizonte encontrei o mais amável dos cicerones num dos meus companheiros de trem, o dr. Adalberto Ferraz, deputado federal, que foi o primeiro prefeito da nova capital mineira. Ele me chamou a atenção para a grande usina que fornece luz elétrica a Belo Horizonte, situada a alguns quilômetros da cidade.

Outro ilustre companheiro de viagem, de certo ponto em diante, foi o dr. José Pedro Drummond, médico e senador estadual, que obsequiosamente me convidou a servir-me do seu apetitoso farnel, favor a que meu estômago não resistiria, se eu não soubesse que o coronel Martins nos esperava, a mim e ao Sr. Machado, com um succulento almoço.

Uma vez que falei dos companheiros de trem, não devo esquecer o padre João Martinho, vigário de Sabará, que entrou não sei em que estação e se apeou na da sua paróquia.

Quem ouve dizer "vigário de Sabará", imagina um venerando sacerdote, quase tão velho como a cidadezinha das sete igrejas. Pois é o contrário: o padre João Martinho é, talvez, o mais belo rapagão que vi em Minas. Não há moça que olhe para aqueles olhos e não diga consigo:

— É pena!

Mas deixemos em paz o bonito vigário de Sabará, e digamos que às 11:30 em ponto (o trem portou-se desde o princípio até o fim da viagem com uma pontualidade exemplar) parei na estação de Belo Horizonte, onde fui carinhosamente recebido não só pelo coronel Martins e suas interessantes filhinhas, como por alguns colegas do jornalismo e das letras, entre os quais Lindolpho Azevedo, diretor do *Diário de Minas*, cujo nome reaparecerá muitas vezes nestas despreziosas notícias".

A.A.

Publicada no *Minas Gerais* de 21-11-1901

## I I

Metemo-nos em dois carros e atravessamos a principal artéria da cidade, em demanda da casa do coronel Martins, situada quase no ponto extremo.

Nessa primeira visão rápida e fugaz, Belo Horizonte me deu uma bela impressão de opulência e grandeza. Nem uma rua; tudo avenidas! Nem uma habitação modesta; tudo palácios, palacetes, ou casas assobradadas, de aparência nobre, sacrificando ao jardim uma boa parte do terreno.

Era domingo; havia certo movimento nas ruas... quero dizer: nas avenidas; as janelas estavam abertas e cheias de gente; um sol esplêndido iluminava a cidade; era tudo vida e contentamento.

A casa em que reside o coronel Martins, no extremo da rua da Bahia, é propriedade do dr. Pádua Rezende, que mandou construí-la para seu uso.

Uma tetéia. O proprietário poderia ter mandado reproduzir na fachada o letreiro da habitação de Cícero: *Parva sed apta*. Destinada a um casal — um casal unido e venturoso, — a casa é pequena, pequenina, mais nada lhe falta no tocante ao conforto e bem-estar.

A decoração dos tetos e paredes, trabalho de um artista italiano cujo nome não me souberam dizer, revela algum talento e muito bom gosto; agrada aos olhos e ao espírito.

Em Belo Horizonte não faltam, aliás, casas particulares de aspecto luxuoso, elegante e moderno. Vê-se que por ali não andou, felizmente, o mestre-de-obras que, de cumplicidade com os nossos proprietários e os nossos governos municipais, tem sido a desgraça do Rio de Janeiro arquitetônico.

Entre os prédios particulares da capital mineira, dignos de atenção, citarei de memória, os dos seguintes srs.: conselheiro Affonso Penna, condessa de Santa Marinha, Frederico Steckel, Drs. Antônio Olyntho, Virgílio Bhering, Ludgero Dolabella, Sabino Barroso... Está visto que me escapam muitos.

Eleito deputado federal e obrigado, portanto, a residir no Rio de Janeiro, o dr. Pádua Rezende, para não deixar o prédio vazio, alugou-o ao coronel Martins, e acertou, porque o seu locatário é menos um inquilino que um conservador. D. Delphina Martins, a digna esposa do bravo militar, é o beijinho das donas de casa.

Depois de tomar banho e mudar de roupa, o sr. Machado e eu, que estávamos ambos a cair de fome, fizemos honra a um magnífico almoço, ao qual compareceu Lindolpho Azevedo.

Este obsequioso colega foi um companheiro que a minha boa fortuna me deparou em Belo Horizonte. Filho do Norte, sargento-ajudante ou vago-mestre e depois alferes do batalhão Tiradentes, acérrimo defensor da legalidade, florianista incapaz de transigir, nem mesmo acossado pela fome, fundador do Partido Nacional, redator de *O Nacional* e da empastelada *Folha da Tarde*, e perseguido político, Lindolpho não tem absolutamente o tipo do excessivo nem do exaltado. O seu rosto é imberbe, a sua voz meiga e dulçorosa, o seu corpo franzino e delicado.

Irmão extremoso de uma enferma, a quem os médicos aconselharam o benemérito clima daquelas formosas alturas, resolveu aceitar a posição que lhe ofereciam na imprensa da capital mineira; é redator-chefe do *Diário de Minas*.

A sua habilidade, o seu talento, o seu critério, a sua educação, a perfeita compreensão do seu ofício tornaram-no estimado, não só em Belo Horizonte como em todo o Estado de Minas. Apesar de escrever diariamente sobre o mais perigoso dos assuntos — a política, não tem, que me conste, um único inimigo.

É um rapaz afável, simples, modesto, extremamente simpático, versado em todas as matérias o quanto basta para dar dignamente o seu recado de jornalista, sem alardear uma erudição importuna.

Dotado de grande memória, é um compêndio vivo da política do Estado, e conhece por dentro e por fora todos os mineiros de certa relevância.

Sem o querer, sem o sentir, pôs-se à frente de tal ou qual movimento, e conseguiu fazer com que durante algum tempo as letras vibrassem na capital mineira. Infelizmente esse movimento não se acentuou, porque Belo Horizonte, como o Brasil inteiro, ressentia-se do período de verdadeira expiação que atravessamos.

Entretanto, as letras, no livro e no jornal, estão ali muito bem representadas por Afrânio de Mello Franco, Aurélio Pires, Francisco Bressane, Assis das Chagas, Prado Lopes, Nelson de Senna, Horácio Guimarães (o *Pierrot* da imprensa de São Paulo), Edgard da Motta, Mendes Pimentel, Luiz Caetano Ferraz, Josaphat Bello, João Camello, Francisco Murta, Ernesto Cerqueira, Affonso Penna Filho, Alfredo Guimarães, Salvador Pinto Filho e muitos outros cuja enumeração seria difícil e fastidiosa.

O belo sexo está igualmente representado nas letras por d. Canuta Ferrand, viúva do famoso autor de *L'or à Minas Gerais*, e D. Elizena Costa, farmacêutica formada pela Escola de Ouro Preto, e autora de algumas espirituosas crônicas publicadas no *Diário de Minas*.

Longa digressão me afastou da minha narrativa, roubando-me o espaço de que dispunha. Amanhã contarei as impressões que trouxe do belo passeio que, acabado o almoço, fizemos pela cidade o coronel Martins, o sr. Machado, Lindolpho Azevedo e eu.

A.A.

*Este artigo não foi transcrito pelo "Minas Gerais". A cópia é de microfilme de original do "O Paiz", de 22 de novembro de 1901, fornecida pelo Plano Nacional de Microfilmagem de Periódicos Brasileiros.*

### III

Começamos o nosso giro pela Praça da Liberdade, a poucos passos da residência do coronel Martins.

É a mais importante das dezoito ou vinte praças de Belo Horizonte.

Situada no lugar mais elevado da cidade, dominando um bellissimo panorama, tem essa praça, para mais de trezentos metros de comprimento e cento e cinquenta de largura, com uma alameda central calçada a paralelepípedos, e o resto arborizado, embora ali, como em toda a zona urbana de Belo Horizonte, as árvores ainda não tenham tempo de haver crescido.

Por esse motivo a cidade, cheia de praças e de longas avenidas, resente-se da falta de sombra, proporcionando terríveis estopadas a quem tenha de percorrê-la a pé, durante as horas de sol.

Não faltam carruagens, é certo; mas, custando cada corrida nada menos de 3\$, essa comodidade aproveita apenas aos favorecidos da fortuna.

Todavia está iminente a construção de uma linha de bondes elétricos, atravessando a cidade.

Na Praça da Liberdade, em cujo centro espero que algum dia se levante um gigantesco monumento comemorativo da Inconfidência Mineira, ficam o Palácio Presidencial, o da Polícia, e os das

Secretarias do Interior, das Finanças e da Agricultura. Como esta última repartição foi extinta, funcionam ali a Prefeitura e a Secretaria das Terras e Colonização.

Todos esses edifícios são majestosos, sendo para estranhar que o menos elevado seja precisamente o Palácio Presidencial, que deveria, ao contrário dominar todos os outros.

Oportunamente descreverei, a traços largos, esse palácio, quando der conta das visitas que fiz ao Presidente, e que tão gratas impressões me deixaram.

Entretanto, não me demorarei na descrição dos outros edifícios: esse trabalho está feito, conscienciosamente feito pelo dr. Alfredo Moreira Pinto no *Jornal do Comércio* de 14 de outubro último. Direi apenas, por ser coisa que interessa particularmente à arte industrial mineira, que na fachada da Secretaria do Interior se admiram belas colunas de mármore sangüíneo, proveniente da pedreira do Acaba Mundo, perto de Belo Horizonte.

— Visto da eminência em que está assentada a Praça da Liberdade, é muito curioso, com as suas casinhas novas e as suas ruas simétricas, o bairro denominado dos Funcionários Públicos, mais populoso da cidade.

Quando se tratou da mudança da capital, o governo de Minas teve a boa idéia de mandar construir casas de diversos tipos, para serem alugadas ou, antes, vendidas aos funcionários que, sem essa providência, difficilmente poderiam alojar-se numa cidade em construção.

É módico o aluguel que o locatário paga todos os meses, por meio de um desconto nos seus vencimentos. Ao cabo de trinta anos, a casa pertence-lhe. É um montepio de pedra e cal.

Cada uma dessas habitações, quer seja de continuo, de chefe de secção ou de desembargador, é provida de uma excelente "instalação sanitária", expressão genérica pela qual em Belo Horizonte se designam todos os beneficios higiênicos da canalização de água, esgotos e luz, melhoramentos estes que foram ali sabiamente planejados e tiveram uma execução perfeita, definitiva e completa.

Quer me parecer, entretanto, que a lei mandando alojar os funcionários em casas do Estado, foi excessivamente liberal visto que não os impede de alienar o direito que adquiriram àquelas propriedades. Alguns já o têm feito, e não seria mau evitar que outros o fizessem. *O ubi é sagrado; o teto não deve ir ao prego; um ninho não se hipoteca.*

— Depois de percorrer a praça da Liberdade, descemos lentamente a avenida do mesmo nome, que mede trinta e cinco metros de largura. Ai me foram mostradas, além de alguns bonitos prédios particulares, as magnificas residências dos Secretários de Estado, que ganham pouco, muito pouco, mas ao menos têm casa e luz fornecidas pelo governo.

— Mais importante que a avenida da Liberdade é a avenida Afonso Pena, cuja largura é de cinqüenta metros, e está perfeitamente arborizada com palmeiras e magnólias.

Ostentam-se nessa bela avenida soberbos prédios particulares, entre os quais o do Congresso, que infelizmente não é, como devia ser, um próprio nacional.

Estão ai duas igrejas projetadas, uma católica e outra metódista, e um grande teatro, e o palácio do Congresso, e a estação dos bondes, os prometidos bondes, pelos quais suspiram as pernas e os pés dos belo-horizontinos.

Merece uma referência amável, na avenida Afonso Pena, o elegante edificio em que se faz a distribuição da luz elétrica.

— Percorremos depois o parque, o vasto parque para o qual se destinaram, no coração da cidade, perto de seiscientos mil metros quadrados.

Ainda o não concluíram mas o que está feito é irrepreensível.

Fartas alamedas, grandes lagos, alegres repuxos, etc., nada falta ali para encanto dos olhos e entretenimento do espirito.

É uma delicia, cujos beneficios efeitos logo se experimentam, passear entre aquela vegetação bisonha mas copiosa, gozando a amenidade do clima secco daquele formoso planalto, tão bem escolhido para capital de um grande Estado, e que poderia ser — por que não dizê-lo quando todos o sentem? — a própria Capital da República.

— Mas não terminou ai o nosso giro.

A.A.

*P.S. — A propósito do primeiro artigo desta série recebi a seguinte carta:*

*“Prezado sr. A. A. — Um passeio a Minas despertou no meu espirito a costumada curiosidade, que os seus escritos provocam.*

*Permita-me, porém, uma pequena retificação: o Engenheiro Henrique Dumont, que construiu a ponte de Sabará, não é pai do*

*notável aeronauta Alberto dos Santos Dumont, e sim irmão mais velho deste.*

*Três são os filhos varões do abastado fazendeiro Dumont, que fundou a propriedade agricola cafeeira mais opulenta do Brasil, situada no oeste de S. Paulo.*

*Henrique, engenheiro diplomado pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro em 1882; Luiz, também engenheiro, formado em 1892; e Alberto, que acaba de assombrar o mundo civilizado, mau grado o sr. Severo, com a descoberta do balão dirigivel.*

*O seu constante leitor — Miguel de Freitas Sá.”*

*Está feita a retificação — A.A.*

Publicada no Minas Gerais de 26-11-1901

#### IV

“Ao meu espirito ao meu temperamento de *touriste* faltava alguma coisa; a vetustez. Era novo, novinho em folha, tudo quando eu via; as ruas, as casas, os próprios habitantes, pois é raro encontrar ali pessoas velhas.

Apesar de não ter chegado ainda ao cume da montanha da vida, eu me sentia em Belo Horizonte com uns ares patriarcaes e venerandos.

— Que diabo! façam-me ver alguma coisa velha! disse aos meus obsequiosos cicerones.

— Pois bem, vamos fazer-lhe a vontade mostrando a velha matriz da freguesia do Cural d'El-Rei. E, é contentar-se com isso; não temos nada mais velho!

Dirigimo-nos então à igreja, que ali está, isolada e tristonha, como uma sentinela perdida do passado.

Quiseram demoli-la, com o que, aliás não fariam mais que imitar os europeus mais civilizados, ou tidos como tais; felizmente houve quem se opusesse a esse ato de vandalismo e a igreja lá está. Que Deus a conserve por muitos anos e bons.

Foi pena que destruissem tudo quanto era o antigo Cural d'El-Rei e não ficasse ali um bairro, uma rua, um alpendre do velho arraial, que lembrasse, embora incompletamente, a fisionomia do passado. Pelo que vi das fotografias tiradas pelo sr. Soucasseaux e dos quadros de Emilio Rouède, que se acham na Prefeitura, havia no arraial alguma coisa que merecia ficar.

Ainda bem que a igreja ficou. Não é tão velha assim: tem pouco mais de um século, data de 1788 e é bem da sua época.

Nos tetos há pinturas executadas com uma ingenuidade encantadora. Os altares, elegantes e muito bem dourados, fazem crer que por ali andasse dedo do famoso *Aleijadinho*. Dedo, digo mal, porque, como se sabe, o *Aleijadinho* não tinha dedos, o que não obsta a que ele, preto, obscuro, ignorante e ignorado, pareça, como artista, um produto legítimo do período mas puro da Renascença italiana.

Disseram-me que não; que o *Aleijadinho*, quando saiu de Vila Rica, não passou além de Sabará... Ora, quem sabe?

Sabará distava apenas uns oito quilômetros de Curral d'El-Rei — e aqueles altares foram, não há dúvida, trabalhados por um verdadeiro artista.

Demais, nada, absolutamente nada consta da história do arraial, que, se constasse, o dr. Fábio Nunes Leal nó-lo teria dito na bem escrita memória que publicou em 1895.

É possível que nos arquivos municipais daquelas redondezas encontre mais tarde alguma coisa alguém que se dá gostosamente ao trabalho do procurar... como quem procura ouro. E a comparação é tópica porque em Minas Gerais só o ouro, o ouro e mais nada se tem procurado até hoje.

Aquele alguém é o insigne poeta dr. Augusto de Lima, que atualmente exerce, com muita dignidade, o cargo de diretor do Arquivo Público Mineiro.

— Consagrada a Nossa Senhora da Boa Viagem, tem a igreja linda imagens, algumas preciosíssimas, como escultura em madeira.

Da velha mobília portuguesa, de jacarandá lavrado, que outrora a adornava, apenas conservaram, perto do altar-mór, uma cadeira e dois bancos.

O resto provavelmente foi roubado. Houve tempo em que Minas, como outras províncias, foi devastada por uma praga de caçadores de objetos antigos.

Visitando, dias depois, a capela de Nossa Senhora do Rosário, construída ultimamente e confiada aos padres redentoristas, lá encontrei mais duas cadeiras da igreja da Boa Viagem. Acharam que elas não ficavam bem onde estavam.

Não deixarei a velha matriz sem fazer uma referência ao esplêndido arcaz, infelizmente maltratado, que existe na sacristia,

onde também se admira, incrustado na parede, mas ignobilmente pintado, um soberbo lavatório de pedra, com a data de 1793.

— Voltamos para casa, onde nos esperava um jantarão.

A tarde era admirável. O poente estava enrubicado e incendiado por um desses crepúsculos inverossímeis, que justificam plenamente a denominação de Belo Horizonte.

— Depois do jantar, fui amavelmente surpreendido por numeroso e turbulento grupo de moços e pessoas do povo que, precedidos por uma banda de música, vinham cumprimentar-me e dar-me a boa vinda.

Destacou-se do grupo o sr. João Camello, redator do *Diário de Minas*, que pronunciou um bonito discurso, exaltando qualidades e virtudes que infelizmente não tenho. Fiquei atrapalhadíssimo para responder, porque para mim, fazer um discurso é tão difícil como andar em bicicleta.

Entretanto, proferi algumas frases desalinhavadas, e acabei dizendo que, na impossibilidade de orar, pois que não tinha o dom da palavra, pedia a Lindolpho Azevedo que respondesse por mim.

A que porta fui bater! Lindolpho é tão orador como eu! Entretanto, gaguejando e coçando o nariz, ele saiu-se o melhor que pôde da alhada em que o meti.

Em seguida, os manifestantes, que tinham ficado no jardim, foram todos convidados a subir para sala de jantar, onde alegremente demos cabo de quanto vinho de sobremesa havia na bem provida adega do coronel Martins.

Fizeram-se muitos brindes. O de honra fi-lo eu, como era de meu dever, ao presidente de Estado, dr. Silviano Brandão.

— Duas horas depois, era tudo silêncio, e eu, pensando na dificuldade de corresponder, fosse como fosse, a tamanha soma de obséquios, fui dormir beatificamente a minha primeira noite de Belo Horizonte."

A.A.

Publicada no *Minas Gerais* de 27-11-1901

## V

"No dia seguinte, logo pela manhã, tive a honra de receber do dr. Francisco Silviano de Almeida Brandão, presidente de Minas, um delicado cartão em que me visitava, desejando-me "grata permanência" no seu Estado.

Resolvi apresentar naquele mesmo dia os meus respeitos ao egrégio cidadão, e, efetivamente, depois do almoço, me dirigi ao palácio da presidência, acompanhado por Lindolpho Azevedo.

Entramos no primeiro pavimento, que se compõe de peristilo, vestíbulo e corpo da guarda, cujas obras ainda não se acham de todo concluídas, e subimos uma bonita escada de degraus de mármore e corrimões de ferro com florões artísticos.

O vão dessa escada, como todas as principais dependências do palácio, foi primorosamente decorado pelo velho artista Frederico Steckel, que assistiu à colocação da primeira pedra da nova capital, e ali ficou, e ali reside, e é, pela fortaleza do corpo e do espírito, um atestado vivo das excelências do clima de Belo Horizonte.

Oportunamente voltarei a falar deste simpático alemão, que se naturalizou belo-horizontino depois de se haver naturalizado carioca, ligando o seu nome honrado à história da fundação daquela maravilhosa cidade.

O vão da bela escada do palácio tem pintadas no teto várias alegorias em que figuram a liberdade, o progresso, etc., e notam-se na frisa da cimalha magníficas obras de estuque. Em arte ornamental Frederico Steckel é exímio.

A luz que ilumina a parte superior da escada penetra suavemente por uma larga vidraça colorida, onde se lê a divisa otimista da Inconfidência: *Libertas quæ sera tamen*.

Fomos obsequiosamente recebidos, numa saleta, pelo capitão Christo, ajudante-de-ordens do presidente, oficial da brigada policial, muito novo ainda, o qual, depois de haver conversado conosco durante alguns instantes, nos introduziu noutra sala, do lado oposto, sóbria mas elegantemente ornada e mobiliada. Sinto não haver guardado o nome do capitão.

Na sala em que penetramos, o que mais me atraía a atenção foi um grande quadro de Belmiro de Almeida, intitulado *Má Notícia*. Uma mulher loura, sentada de esguelha numa cadeira, chora, com o rosto escondido nos braços. A seus pés, no chão, está caída uma carta, cuja leitura produziu aquele desespero. O quadro tem qualidades, mas está longe de ser a melhor produção do distinto pintor mineiro.

Nem essa tela, nem a *Aurora de 15 de Novembro*, que se acha no salão nobre da Secretaria do Interior, dão em Belo Horizonte uma idéa exata do incontestável talento de Belmiro.

O artista desferrar-se-á, quando mandar, para o teto do salão de honra do palácio da presidência, a pintura decorativa que lhe encomendaram, para a qual está reservado, há muito tempo, o retângulo central daquele teto.

Se Belmiro visse, como vi eu, aquele espaço em branco, à espera da prometida obra, apressar-se-ia em concluí-la com a brevidade possível. Em Belo Horizonte queixam-se de não haver ali do estimado artista outra notícia além de *Má Notícia*.

— Lindolpho Azevedo e eu examinávamos o quadro de Belmiro, quando assomou à porta o dr. Silviano Brandão.

Apresentações, não as houve, porque já nos conhecíamos.

Não era o chefe do Estado, mas o homem particular que ali estava, trajando calças e paletó de brim de linho branco, apertando entre os dedos o cigarro de palha, seu companheiro inseparável.

Não se pode imaginar um homem, altamente colocado, mais simples que o dr. Silviano — simples, não da simplicidade afetada que mal disfarça a arrogância, mas a simplicidade natural, que se mostra no olhar, no gesto, no sorriso, no modo de falar, de andar, de estar sentado.

À primeira vista, dir-se-ia um honesto e pacífico burguês, agarrado à força e à força metido naquele palácio, cujos luxuosos adornos contrastam com a encantadora singeleza da sua pessoa.

No correr da conversação, percebe-se, porém, que o dr. Silviano é um homem superior, um espírito bem orientado, um cérebro pensante: a sua palavra enlevou-me durante uma hora.

Excusado é dizer que não falamos sobre política, nem ele daria tal confiança a um mero diletante, como eu; ocupamo-nos de letras, de artes e, principalmente, de Belo Horizonte.

— As finanças de Minas, disse-me ele, estão, pouco mais ou menos, como as finanças dos outros Estados, — com a diferença de que nenhum deles fez, como nós, uma capital com proporções e elementos para ser a primeira do Brasil.

— E em tão pouco tempo!

— E com tão pouco dinheiro, pode acrescentar, você deve ter ouvido dizer que Belo Horizonte custou este mundo e o outro; falaram em cem mil contos, em sessenta mil contos, que sei eu! Ora, a despesa foi de trinta e três mil contos, inclusive o ramal

férreo que já foi vendido à União, e inclusive, também, os dois mil contos que custou a construção das casas destinadas aos funcionários e que constituem, como sabe, receita pública. Com franqueza: parece-lhe muito?

— Não, senhor. Aposto que, se algum dia quisessem destruir o que se construiu com esse dinheiro, teriam que gastar o dobro.

O dr. Silviano, que já me havia apresentado a seu filho, o dr. Benjamin Brandão, moço ilustrado, que é também o seu oficial de gabinete, apresentou-me a toda sua família, a quem sou muito grato pela distinção com que me tratou.

Depois, mostrou-me o palácio, a começar pelo salão de honra, um salão à Luiz XVI, onde a pintura de Frederico Steckel espera melancolicamente a de Belmiro de Almeida.

Dá o salão para duas salas laterais, e estas comunicam, de um e outro lado, com dois elegantes terraços, muitos alegres e muito bem decorados. Desses terraços a vista abrange as três zonas — urbana, suburbana e colonial — de Belo Horizonte: um panorama esplêndido!

Tomamos café na bonita e espaçosa sala de jantar, ornamentada de graciosos painéis alegóricos, à Luiz XV, e visitamos a sala do despacho, onde vi um bom retrato do conselheiro Affonso Penna e um mau retrato do dr. Bias Fortes, o salão biblioteca e o dormitório, cuja mobília pertenceu a D. Pedro II. O dr. Campos Salles, quando ali esteve, dormiu em cama imperial. Essa mobília não é utilizada pelo presidente de Minas, que tem os seus cômodos particulares.

Despedi-me com saudades do dr. Silviano Brandão. Cem anos que viva, hei de lembrar-me do afetuoso acolhimento que recebi do ilustre e simpático mineiro.

A. A.

Publicada no *Minas Gerais* de 05-12-1901

## V I

Naquele mesmo dia fui visitar o prefeito de Belo Horizonte, dr. Bernardo Monteiro, que mora, com sua família, numa boa venda, propriedade do Estado, construída no coração da cidade<sup>(1)</sup>.

(1) A casa em que reside o sr. dr. Bernardo Monteiro, é de sua propriedade, e não do Estado, como por engano diz o ilustre escritor. — N. da R.

É um homem da escola do dr. Silviano, completamente despedido dessas etiquetas convencionais que tão desagradável tornam qualquer entrevista com a maior parte dos nossos altos funcionários. Não há quem não conheça o ar de superioridade com que esses senhores em regra recebem os simples mortais que ousam aproximar-se de suas excelências, mesmo não sendo para lhes pedir coisa alguma.

O dr. Bernardo Monteiro é um homem ainda moço, com muito pouco mais ou alguma coisa menos de quarenta anos.

A sua carreira política foi interrompida ou antes cortada pelo 15 de novembro. Tinha sido rápida e brilhante. Basta dizer que em Ouro Preto o proclamaram chefe do Partido Liberal aos vinte e oito anos.

Proclamada a República, ele tentou fazer política de reação, fundando, com o dr. Diogo de Vasconcellos o Partido Católico; mas esse partido pouco tempo durou e desfizeram-se as últimas ilusões do ex-chefe liberal, que se tornou dali por diante um contemplativo.

Acceptara a República, mas abstinha-se de qualquer manifestação partidária. Tinha a independência do trabalho: advogava.

Entretanto, prestou em Ouro Preto muitos bons serviços ao governo republicano, principalmente à administração municipal.

Logo que foi eleito presidente de Minas, o dr. Silviano, que o conhecia a fundo, pediu-se para aceitar a Prefeitura da capital, e ele aceitou. Que nomeação feliz a de um prefeito sem compromissos políticos!

— A propósito, farei uma ligeira observação:

Tinham-me dito que em Minas, berço da República Brasileira, havia muitos monarquistas... Pode ser que os haja noutros pontos do Estado, em Belo Horizonte são fruta rara, raríssima.

Verifiquei, pelo contrário, que ali quase toda a gente é florianista, mas de um florianismo ardente e exaltado. Há lá uma vasta associação que tem por fim, principalmente, glorificar todos os anos a luminosa memória do Marechal de Ferro.

Passando por uma das ruas principais da cidade, avistei na fachada de um prédio de bela aparência, o busto de Floriano Peixoto fazendo *pendant* ao da República. Supus que fosse um edifício do Estado: era um casa particular.

— Mas voltemos ao dr. Bernardo Monteiro:

Em Belo Horizonte o regime municipal não se parece nada com o nosso. Ali o prefeito exerce, por bem dizer, funções ditatoriais: dispõe a seu bel-prazer da fazenda municipal, e o Conselho, que não é remunerado (*Doux país!*), só se reúne para aprovar os orçamentos.

Nestas condições é melindrosa a escolha do prefeito, cargo que será perigosíssimo nas mãos de quem não reúna em si umas tantas qualidades que juntas se acham raramente.

O dr. Bernardo Monteiro realiza esse ideal difícil.

A primeira impressão que causa a sua presença pode, talvez, iludir. É um homem alto, mas o seu corpo faz uma ligeira curva e o seu andar é um pouco arrastado, o que lhe dá não sei que aparência de desalento físico. A sua tez é pálida e a sua voz gutural; seu olhar vem coado por uns óculos que lhe roubam metade da expressão.

Todavia, as primeiras palavras que articulou, encetando a longa palestra que me deu, ele perfilou-se, os seus olhos faiscaram como para desfazer aquela primeira impressão e logo reconheci que tinha diante de mim um espírito vivo e atilado, um funcionário inteligente, apaixonado pelo seu cargo.

Ele contou-me a curta história de Belo Horizonte. Fê-lo em poucas palavras, num apanhado, numa síntese de quem se habituou a dizer a mesma coisa a muita gente, e no andar do tempo desbastou e poliu convenientemente o discurso. Pintou-me, com tintas muito exatas, o velho arraial desaparecido, e a fantasmagórica cidade que, entre uma população pitoresca e turbulenta de engenheiros, arquitetos, empreiteiros e operários, pouco a pouco, surgiu do meio dos destroços daquilo que havia sido o Curral d'El Rei.

Conversando, o prefeito fez toda a justiça não só ao dr. Aarão Reis, o primeiro glorioso chefe da Comissão Construtora, como ao seu digno sucessor, dr. Francisco Bicalho, e aos esforçados auxiliares de que se cercaram ambos em obra tão gigantesca.

— O que mais admira, disse-me o dr. Bernardo Monteiro, não é em tampouco tempo conseguirmos tanto; o que mais admira é ser tudo isto bem feito, e tudo a valer! Aqui só temos uma coisa provisória, o teatro; o mais é definitivo, completo, permanente, eterno!

Quando me despedi, ele perguntou-me:

— Costuma acordar cedo?

— Pois não, principalmente aqui.

— Nesse caso, se me permite irei buscá-lo amanhã pela manhã num carro da Prefeitura, e percorreremos juntos Belo Horizonte. Quero mostrar-lhe a cidade.

— Oh! doutor! quanta honra! e quanto incômodo! balbuciei, mas sem nenhuma convicção, porque estava inteiramente satisfeito com a expectativa de um agradável passeio.

A.A.

*P.S. — A propósito da ponte de Sabará, recebi as seguintes linhas do sr. Josephino Torquato de Magalhães Castro, Inspetor de Obras Públicas do Estado de Minas:*

*"Penso que há equívoco na retificação que lhe remeteu o sr. Miguel de Freitas Sá e que veio transcrita como P. S. da Série de Um Passeio a Minas.*

*A construção da ponte grande em Sabará foi orçada em 87:333\$ pelo engenheiro H. Dumont, e por ele contratada por 77:333\$. O contrato foi firmado a 27 de junho de 1867, conforme os documentos que lenho presentes.*

*Esse profissional de provada competência e muito conhecido no meado do século próximo passado, não pode ser o mesmo irmão do aeronauta, que se bacharelou em 1882, como afirma a corrigenda."*

*No mesmo sentido me escreveram os srs. Manoel Penna, de Sabará, João F. Paulo Kruger, de Itabira de Mato Dentro, e José Felipe de A. Coutinho, de Paty do Alferes.*

*"A ponte do Sabará, diz este último cavalheiro, foi construída em 1871, com se lê nas traves da mesma ponte, pelo dr. Henrique Dumont, então proprietário da fazenda de Jaguará, posteriormente fazendeiro em Casal, e ultimamente em S. Paulo. O filho mais velho do dr. H. Dumont, que se formou em 1882, como diz o sr. Sá, não podia ter construído a ponte em 1871, pois nesse tempo era criança."*

— "A.A."

Publicada no *Minas Gerais* de 11-12-1901

## VII

"Ainda no mesmo dia fui visitar a Imprensa Oficial, em cujas oficinas se imprime o *Minas Gerais*.

O edifício, construído na bela avenida Paraopeba, não tem grande aparência, mas é airoso, cômodo e bem dirigido, com dois largos pavimentos.

O interior é ocupado pelas oficinas, perfeitamente montadas para todos os trabalhos de composição tipográfica, impressão, encadernação, pautação, etc. Os maquinismos são dos mais modernos e aperfeiçoados.

No pavimento superior é a redação do *Minas Gerais*.

Dirige tão importante estabelecimento e é redator principal daquela folha o coronel Francisco Bressane, que me recebeu com a amabilidade característica dos filhos de Minas.

Instruído, bem educado, conhecendo o Brasil inteiro de norte a sul e todos os cantos e recantos de Minas, deputado à Constituinte Mineira e propugnador entusiasta da mudança da capital, fundador e diretor da primeira folha que se publicou em Belo Horizonte, *A Capital* — o coronel Bressane, fisionomia de grande popularidade da sua terra, é tido como um dos auxiliares mais devotados e mais inteligentes do governo do dr. Silviano Brandão.

Durante a nossa curta palestra captou-me o seu espírito, que cintilava nuns olhos pequeninos mas irriquietos, olhos que nunca estavam nem totalmente abertos nem totalmente fechados: entretanto, alguns dias depois, apreciei-o mais à vontade durante o almoço íntimo com que me obsequiou no Grande Hotel, e no qual me fez provar excelente vinho mineiro, fabricado por iniciativa de diligência do governo.

— Ao sair da Imprensa Oficial fui ter à redação do *Diário de Minas*, onde me demorei uma hora a conversar agradavelmente com Assis das Chagas, enquanto Lindolpho Azevedo enchia algumas tiras de prosa.

Assis das Chagas é o secretário daquela folha literária e leve. É um rapaz de talento e de espírito. Fez as suas primeiras armas de jornalista na imprensa de S. Paulo. Estando como está, na flor da idade, tem uma larga e florida estrada diante de si.

— Em Belo Horizonte publicam-se mais os seguintes periódicos: *Revista da Faculdade Livre de Direito*, *O Forum*, revista de jurisprudência, dirigida pelos drs. Theophilo Ribeiro e Ismael Fran-

zen; *O Norte*, órgão dos acadêmicos; *O Comércio de Minas*, órgão da Associação Comercial; a *Tribuna Católica*, e *O Sal*, folha ilustrada por um desenhador bem intencionado.

— Naquele dia rematei as minhas excursões visitando uma curiosa exposição de pintura, desenho e gravura, organizada pelo velho artista Steckel no palacete a que deu o seu próprio nome — Palacete Steckel — *salon* obrigado de todos os bailes, concertos e conferências literárias.

Ali funcionou durante algum tempo uma associação recreativa que se intitulava *Jardim das Violetas*, — um título cheiroso.

Os jardineiros faziam dançar as flores ou falavam de assuntos de arte em curiosas palestras, em que tomavam a palavra Augusto de Lima, o malgrado Arthur Lobo, Prado Lopes e outros. Infelizmente já não encontrei o *Jardim das Violetas*.

O Palacete Steckel, obra do seu próprio dono, é decorado com muita profusão, numa policromia indecisa, que não fere a vista nem o bom gosto.

A exposição era notável, — notável, por ser a primeira realizada em Belo Horizonte, — não porque ali se encontrassem coisas de pasmar.

Entre os expositores figurava Honório Esteves, pintor mineiro, residente em Ouro Preto, e muito conhecido em todo o Estado. Aqui no Rio ninguém o conhece. Pois é, afianço-lhes, um paisagista que tem o sentimento da natureza. Não sei porque não tem mandado alguma coisa às exposições anuais da nossa Escola de Belas Artes".

A.A.

Publicada no *Minas Gerais* de 14-12-1901

## VIII

"Depois de uma noite beatificamente dormida — um sono só — ergui-me prazenteiro e pouco depois ouvia parar um carro à porta. O dr. Bernardo Monteiro, prefeito de Belo Horizonte, vinha buscar-me para o prometido passeio. Trazia consigo Assis das Chagas, o jovem secretário do *Diário de Minas*.

A nossa primeira visita foi ao mercado. Em caminho, o dr. Bernardo Monteiro me instruiu rapidamente sobre tudo quanto passava diante dos nossos olhos, ao lento rodar do carro.

Como eu estranhasse que as casas não estivessem numeradas, nem nas esquinas houvesse letreiros com os nomes das ruas, o illustre funcionário me assegurou que brevemente se faria tal serviço, por meio de placas de ferro esmaltado.

A propósito, direi que o sistema adotado em Belo Horizonte para a numeração das casas é original e prático. Cada número representa a quantidade exata de metros medidos do princípio da rua até à porta numerada, de modo que a numeração não pode, em caso algum, variar, e assim se evita o nosso inconveniente e desagradável sistema de recorrer às letras do alfabeto para a numeração adicional dos prédios novos.

— Sem ser vasto, o mercado é mais que suficiente para as necessidades da população. É elegante, asseado, como tudo quanto na capital mineira entende de perto com a higiene pública. Ali, nenhum cheiro suspeito ofende a mais melindrosa membrana pituitária.

Está muito bem situado na praça Quatorze de Fevereiro. Tem certa elegância. É todo de ferro, coberto de zinco, e circundado externamente por um largo passeio, protegido pelo rebordo da cobertura.

Notei pouco movimento no mercado, e os quarenta e oito compartimentos que ali estão muito bem dispostos para o comércio a varejo, me pareceram mediocrementemente sortidos. Outra fruta não vi senão a jaboticaba, e todos sabem que as frutas são a alegria dos mercados.

— Em caminho para a Santa Casa de Misericórdia ladeamos o Parque, e nessa ocasião o dr. Bernardo Monteiro me assegurou que brevemente providenciaria para serem colocadas naquele belo jardim os bustos de Bernardo Guimarães e Arthur Lobo.

A morte deste último poeta foi muito sentida em Belo Horizonte. Encontrei ali vestígios recentes das lágrimas que ela causou.

Arthur Lobo estava condenado havia muito tempo: era tuberculoso; entretanto, se é certo o que me informaram, sucumbiu mais depressa em consequência das amarguras e dissabores provenientes do mau acolhimento que recebeu do público belo-horizontino uma revista cômica por ele escrita, representada no teatrinho Soucasseaux.

— O edificio ainda não concluído, da Santa Casa de Misericórdia faz honra ao arquiteto Piffer e será digno de Belo Horizonte.

Das enfermarias definitivas uma apenas está funcionando, mas só recebe praças da brigada policial. É espaçosa, risonha, aberta aos quatro ventos.

O serviço geral é feito em enfermarias provisórias, isto é barracões de ferro e lona, tendo cada um capacidade para 18 leitos.

O edificio está sendo construído de acordo com as mais recentes prescrições da ciência no tocante a higiene dos hospitais.

O provedor da Santa Casa é o coronel Emygdio Germano, filho da Bahia, negociante há muitos anos estabelecido em Minas, e um dos mais entusiásticos apologistas da nova capital.

A esse benemérito deve-se a construção da Santa Casa. Graças unicamente aos seus esforços, têm havido dotações do orçamento, benefícios, donativos particulares, etc., para a continuação das obras. O coronel Emygdio Germano não se farta de pedir. Pede, pede, pede sempre, e o caso é que tem obtido o mais feliz resultado.

O povo chama-lhe "o coronel Santa Casa", gloriosa alcunha que vale por todos os títulos com que o poderiam condecorar.

Durante a nossa visita ao hospital, que tão agradável impressão me causou, fui apresentado a esse homem útil, e bem assim o outro baiano muito simpático, o dr. Salvador Pinto, médico da Santa Casa, que naquele dia estava de serviço."

A.A.

Publicada no *Minas Gerais* de 16-12-1901

## I X

"Em seguida o amável prefeito de Belo Horizonte levou-me a ver o matadouro, situado a três quilômetros da cidade, à margem do ribeirão Arrudas, que o separa do leito da Estrada de Ferro, e ocupando extensa área, toda cercada de arame farpado, com uma opulenta plantação, em que predomina o generoso eucalipto.

O matadouro e as suas dependências, construídas com a maior simplicidade, sem nenhuma pretensão artística só tem de notável o irrepreensível asseio.

A matança do gado não deixa o menor vestígio que incomode a vista nem o olfato, tal é a perfeição do serviço, tal a abundância de água, elemento que, graças aos mananciais do Cercadinho e da Serra, não faltará em Belo Horizonte, mesmo quando a população cresça extraordinariamente.

A prova mais decisiva do asseio daquele matadouro, é a ausência completa dos urubus, que na primeira capital da América do Sul ainda não há muitos anos eram considerados agentes gratuitos da limpeza pública.

Depois dessa interessante visita, o dr. Bernardo Monteiro foi mostrar-me as obras do monumental palácio que se acha em construção na praça do Progresso, destinado à exposição permanente dos produtos mineiros.

Esse palácio, que ocupará um quarteirão inteiro, ou seja mais de três mil metros quadrados, tendo a entrada principal na avenida do Parque e duas majestosas fachadas nas avenidas Carandá e Paraibuna, esse palácio, dizia eu, vai ser o atestado mais eloquente da alta capacidade administrativa do dr. Bernardo Monteiro.

Examinando aquela construção gigantesca, a atividade alegre dos operários, o sorriso de satisfação e de orgulho pregado aos lábios do prefeito, e conhecendo a crise que atravessam as finanças mineiras, um estranho naturalmente perguntaria aos seus botões de onde havia saído o dinheiro preciso para a realização daquele sonho.

Simple seria a resposta. Tratando-se de um estabelecimento que tão de perto interessa a todos os municípios do Estado, o prefeito apelou para as respectivas municipalidades, e o êxito foi positivo e brilhante. Todas elas têm concorrido com alguns contos de réis, estas mais, aquelas menos, conforme os recursos de cada uma, e muitas fornecem até materiais de construção.

Por felicidade, um grande estabelecimento industrial, americano, creio, ofereceu-se espontaneamente para fazer de graça toda a instalação elétrica do edifício sob a condição única de ter o seu anúncio gravado no vidro das lâmpadas.

Fiscalizando em pessoa todos os trabalhos, e usando da mais severa economia, o dr. Bernardo Monteiro vai dotar aquela capital de ontem com um monumento que será uma vergonha para a Capital Federal. Pelo mesmo processo, deveria a União possuir, há muitos anos, um palácio de exposição permanente, para o qual não faltaram, aliás projetos e mais projetos.

— Lembrei ao prefeito, pois que o Estado não possui propriamente um museu histórico, a conveniência de reservar, no novo palácio, um compartimento destinado aos velhos objetos de arte que ainda se possam encontrar em Minas, salvo, por milagre, das unhas dos exploradores: jóias, porcelanas, móveis, quadros, estampas, te-

cidos, miniaturas, etc., do tempo da opulência colonial. Seria obra de artista e de patriota salvar o que ainda reste porventura dessas preciosidades, formando uma coleção inteligente e sugestiva, que nos mostrasse a fisionomia exata da Minas Gerais de outrora.

— Depois de examinar aquelas obras, que deixaram no meu espírito certa impressão de grandeza, e são, realmente, uma séria manifestação do poder da vontade, percorremos parte da cidade.

Admirei, externamente, o belo edifício do Forum, que também ocupa um quarteirão inteiro, e no qual funcionam a larga todos os tribunais, juízos, cartórios, etc.

— Terminou o passeio por uma rápida excursão ao bonito bairro dos funcionários públicos.

— Passava do meio-dia quando o ilustre prefeito e o meu colega Assis das Chagas me deixaram a porta do coronel Martins, que com sua família, o sr. Machado e Lindolpho Azevedo, me esperavam para almoçar.

Imaginem com que apetite me sentei à mesa!"

A.A.

Publicada no *Minas Gerais* de 28-12-1901

## X

“Em companhia do coronel Martins fui nesse mesmo dia cumprir os dois secretários do governo de Minas, drs. Wenceslau Braz, secretário do Interior, e David Campista, secretário das Finanças.

O primeiro é ainda muito novo: formou-se pela Faculdade de Direito de São Paulo, em 1889; nasceu, pode se dizer, com a República. É um funcionário distintíssimo, como todos os funcionários escolhidos pelo dr. Silvano Brandão.

Conquanto amável e expansivo, o dr. Wenceslau me parece grave demais para a sua idade; é possível, entretanto, que naquele dia sua gravidade resultasse de um doloroso luto de família.

O dr. David Campista é um pouco mais velho. Não tem absolutamente o feitio mineiro, e isso é talvez devido a uma longa permanência na Europa, onde era superintendente de imigração, e de onde foi chamado para exercer o alto cargo que atualmente ocupa.

Republicano da propaganda, o dr. David Campista foi eleito deputado à Constituinte Mineira, e deu sempre, na vida pública, incontestáveis provas de patriotismo e talento.

É um pouco vítima — vítima alegre e sobranceira — dos velhos prejuízos da província. Numa terra em que raros se ocupam com o último figurino parisiense, é natural haver quem olhe de soslaio para um alto funcionário que se veste no rigor da moda e tem hábitos europeus.

Acresce que o dr. David Campista é amador de pintura; tem as paredes cobertas de quadros, alguns dos quais pintados por ele próprio. Isto que o não impede de revelar muita competência e muito critério na gestão da sua pasta, é visto com maus olhos pela parvoíce local.

Depois de uma longa palestra com o secretário das Finanças, conversador de primeira ordem, espirituoso e discreto, despedi-me dele, e acabei o dia, visitando o quartel da Brigada Policial, situado na praça Belo Horizonte. Nessa visita fui acompanhado pelo coronel Martins, comandante da Brigada, pelo nosso colega Lindolpho Azevedo e pelo bom companheiro de viagem, sr. Machado.

Aquele quartel é um dos melhores edifícios da cidade, e está perfeitamente situado e nas melhores condições higiênicas. Quem nos dera que o nosso quartel dos Barbonos valesse o que vale aquele, quer em dimensões, quer em beleza arquitetônica, quer na disposição interior das salas e demais dependências.

O edifício, que tem uma fachada de cento e tantos metros, compõe-se de cinco corpos, um central, dois laterais e um torreão em cada extremidade. São irrepreensíveis o asseio e a disciplina do quartel.

Custou este 750 contos; por quanto ficaria o dos Barbonos?

— Próximo ao quartel, ergue-se a capela de Santa Efigênia, construída por uma irmandade composta quase exclusivamente de oficiais e praças da Brigada.

É uma bonita igreja de estilo gótico.

— Nos arredores do quartel reservou a Prefeitura uma grande área, que só pode ser habitada por soldados, de modo que eles constituíram ali o seu bairro e vivem numa comunidade feliz e alegre. Por isso, em Belo Horizonte, é raro o distúrbio em que figurem soldados de polícia. O mesmo não se pode dizer, infelizmente, de certa capital que nós conhecemos.

— Seria de toda a justiça rematar este artiguete com os elogios a que tem direito o coronel Martins como comandante da Brigada Policial mineira; mas, tendo eu sido seu hóspede, parecia, talvez, suspeito."

A.A.

Publicada no *Minas Gerais* de 02 e 03-01-1902

## X I

*Este artigo não foi publicado no "O Paiz" nem transcrito pelo "Minas Gerais". Tentamos sua localização através do Plano Nacional de Microfilmagem de Periódicos Brasileiros, criado pela Secretaria de Assuntos Culturais do MEC e executado pela Fundação Casa de Rui Barbosa em convênio com a Biblioteca Nacional, e com a Biblioteca Mário de Andrade de São Paulo que possui, também, a coleção. As duas instituições nos informaram que não o encontraram.*

*Supomos que o "O Paiz" ou o próprio autor tenham errado na numeração e a transcrição no "Minas Gerais" a repetiu.*

*O XII artigo foi publicado tanto na edição do "O Paiz", como na sua transcrição, d' uma só vez, com a seqüência XII, XIII, XIV e XV.*

## X I I

"Todas as tardes, em Belo Horizonte, eu fazia horas nalgum ponto obrigado de palestra, por exemplo: na farmácia Lopes de Abreu, da qual é proprietário um meu estimável conterrâneo, ou no estabelecimento comercial do sr. Arthur Haas.

Numa dessas nossas palestras, este simpático negociante me sugeriu a idéia de uma visita ao Morro Velho, idéia que recebi contente, pelas maravilhas que ouvira de tal passeio.

Ativo, alegre e obsequioso, o sr. Haas fez, eletricamente, todas as diligências e preparativos indispensáveis, e uma bela manhã tomamos o trem. Poderíamos ir pela serra do Curral; preferimos o caminho de ferro por ser mais cômodo.

Éramos cinco: o sr. Haas, o sr. Machado, o meu colega Lindolpho Azevedo, eu e mais um bom companheiro, o sr. Domingos Couto, negociante carioca, espairecendo em Belo Horizonte com sua família.

Percorremos alegremente os quatorze quilômetros compreendidos entre a Capital e a estação Honório Bicalho, comprazendo os olhos na contemplação da paisagem mineira tão majestosa e tão bela.

Estavam animais à nossa espera. Perfeitamente montados, vencemos, em pouco mais de uma hora, a magnífica estrada que vai ter a Vila Nova de Lima. De instante a instante parávamos, para admirar os esplêndidos panoramas que se sucediam aos nossos olhos, numa variedade encantadora.

Engastada entre formosas colinas a velha freguesia de Congonhas de Subará, hoje Vila Nova de Lima, nome que lhe foi dado em honra ao ilustre poeta Augusto de Lima, que ali nasceu, é de uma beleza surpreendente, de uma graça indizível, com o seu risonho aspecto de aldeia suíça. Ali tudo ou quase tudo é velho, mas asseado. As ruas são calçadas, as paredes brancas, as igrejas e as casas bem conservadas.

Capitaneados pelo sr. Haas, entramos na vila com grande estardalhaço, pela bulha que faziam as vinte ferraduras dos nossos animais, batendo na pedra sonora da velha calçada.

Apesar de ser dia de trabalho, havia movimento e animação nas ruas, o que não admira, porque a população da Vila Nova de Lima é computada em dez mil habitantes.

Fomos todos para uma estalagem de tão modesta aparência, que Dom Quixote, por mais alucinado que estivesse, não a tomaria nunca por um castelo. Entretanto, encontramos ali um magnífico almoço, que tinha sido previamente encomendado.

Comido, ou, antes, devorado o almoço, dirigimo-nos ao grande estabelecimento da St. John d'El Rei Mining Company Limited, no morro do Bonfim, ou do Mingü, isto é um dos morros em que se divide e subdivide o Morro Velho ou Vila Nova de Lima.

A minuciosa descrição daquele estabelecimento, que dizem ser no seu gênero um dos primeiros, ou o primeiro do mundo, reclamaria espaço de que não disponho.

Fui levado de surpresa em surpresa, assistindo a toda série dos trabalhos que ali se executam desde a separação da pedra que sai da mina em grandes blocos e é triturada por uma máquina possante até a produção da barra de ouro, tudo por meio de aparelhos e processos engenhosos, aperfeiçoadíssimos, de uma simplicidade pasmosa.

Do numeroso pessoal empregado nas diversas sessões do estabelecimento, fazem parte muitos nacionais, e na escolha e separação das pedras, ocupação que se torna leve pela singeleza do siste-

ma adotado, empregam-se mulheres pretas e mulatas, com grande prática daquele serviço. É realmente indispensável muita experiência para reconhecer, num lance d'olhos, qual o fragmento de pedra que contém ouro, e qual o que não contém.

O estabelecimento funciona dia e noite; sem interrupção. Antes, as máquinas paravam no dia do aniversário natalício da rainha Victória, e toda a população da vila estranhava naturalmente a falta daquele ruído incessante, com que cada um identificara a própria natureza. Depois que morreu a velha soberana, os maquinistas perderam essas vinte e quatro horas de descanso, a Eduardo VII não deram a mesma honra.

Desde Belo Horizonte que toda a gente me falava do sr. George Chalmers, superintendente da companhia, digno substituto dos seus predecessores Herring e Gordon, citados em livros de viajantes célebres — É um gentleman! diziam-me.

A sua casa, a Casa Grande, nome pelo qual é conhecida desde o princípio da mineração, é uma das mais curiosas residências que se conhecem no Brasil. Não deixe de visitar o Chalmers! Ir ao Morro Velho e não ver o Chalmers é o mesmo que ir a Roma e não ver o Papa!

Pois, senhores, não vi o Papa. No próprio dia da minha chegada, o famoso superintendente partira para uma das suas costumadas excursões pelo interior de Minas, acompanhado por três ou quatro camaradas, vinte cavalgaduras e dezoito volumes contendo víveres, petrechos de caça e de pesca, redes, barracas, aparelhos fotográficos, uma canoa de borracha, etc.

Realmente, vive à grande o sr. Chalmers, e é muito natural que assim seja, pois a ele, só a ele, deve-se a prosperidade das minas do Morro Velho.

Para mais largas informações, que não encontrariam espaço neste escrito, procure o leitor a interessante memória *Um Município de Ouro*, escrita pelo mencionado Augusto de Lima, lida no Instituto Histórico a 26 de abril do ano passado, e publicada no último número da *Revista do Arquivo Público Mineiro*.

Acompanhados pelo sr. Betty, chefe da mina, descemos todos nas chamadas caçambas, até a última galeria aberta nas entranhas da terra, algumas centenas de metros abaixo... do nível do mar.

É indizível a impressão que recebe quem desce pela primeira vez àquela profundidade; por mais preparado que leve o espírito, ficará surpreso e atônito; é como se baixasse ao inferno, conforme a ficção dantesca, interpretada e compreendida por Gustavo Doré.

Depois de lá estar em baixo um quarto de hora, alumiado por uma luz e respirando uma atmosfera artificial, senti o desejo, mais que desejo, a necessidade devolver ao ar livre; mas o implacável sr. Betty, que devia percorrer a mina inteira, em vez de nos fazer subir fazia-nos descer, sempre descer, de caçamba em caçamba, de galeria em galeria.

Por toda a parte encontrávamos atividade e trabalho, homens nus da cintura para cima, alagados em suor, e burros melancólicos e resignados, saudosos do pasto, carregando ouro.

Para nos ser agradável (creio que não foi para outra coisa), o sr. Betty fez-nos ouvir, lá em baixo, dezesseis descargas de dinamite.

Renuncio a descrever a impressão que sobre os meus nervos produziu essa bulha, completamente nova para os meus ouvidos. O momento foi deveras solene. Todas as máquinas haviam parado: não se ouvia o mais leve rumor, quando reboou o primeiro tiro, acompanhado pelo esboroamento da pedra, e mais quinze vezes estremei ouvindo mais quinze tiros. Foi uma impressão de homem, creiam meus senhores!

Quando saí do longo corredor que conduz à abertura da mina, e me apanhei ao ar livre, a luz do sol me apareceu com uma cintilação que eu lhe não conhecia; dir-se-ia uma apoteose. Nunca na minha vida experimentei uma sensação mais exata e mais nítida da liberdade, e, todavia, durara apenas uma hora, ou pouco mais, a minha existência subterrânea.

Senti-me naquele momento tomado de piedade pelos pobres diabos que levam a vida ali em baixo, e passaram pelo meu cérebro idéias anarquistas... Passaram apenas, porque o burguês que dormita aqui dentro, logo despertou, para dizer-me: — Olha que naquele buraco de onde saíste, só naquele buraco está empregado um capital de quatrocentas mil libras esterlinas!

Voltamos todos para a estalagem, onde nos esperava um banquete de que nenhum de nós se serviu, porque o almoço nos havia fartado.

Na ocasião de pagar a despesa, o sr. Haas foi surpreendido com a notícia de que estava tudo pago. Antes de partir, o magnífico sr. Chalmers providenciara para que nada se cobrasse aos hóspedes. Bem me diziam que eram um gentleman.

Montamos a cavalo e num instante chegamos a Honório Bicalho. Desta vez não esquecemos os olhos na contemplação da paisa-

gem, que entretanto, o pôr-do-sol fizera ainda mais bela. É que todos nós éramos pobres e vínhamos deslumbrados pelo espetáculo de tanto ouro.

Tomamos o trem e voltamos a Belo Horizonte. Em Miguel Burnier juntou-se ao nosso grupo um novo companheiro de viagem, o dr. Costa Sena, vice-presidente do Estado, e diretor da Escola de Minas de Ouro Preto, espírito cultivado, conversador emérito, que sabe contar uma anedota a propósito de tudo.

### XIII

Não lhes falei de tudo quanto na capital mineira pode prender a atenção de um viajante inteligente, e muita coisa me há de escapar; a minha demora foi pequena, e o meu fito, escrevendo estes artigos, não é outro senão tornar conhecida uma cidade que muita gente ignora.

Ainda não lhes disse nada do teatro, um teatrinho provisório, de madeira, edificado em trinta e seis dias, pelo sr. Francisco Soucasseaux, inteligente industrial, construtor e fotógrafo ali muito estimado.

Esse teatro, que contrasta pela sua modéstia com os soberbos palácios e palacetes da nova capital, tem sobre os nossos a vantagem de possuir uma instalação elétrica de primeira ordem, que nada fica a dever aos melhores teatros do mundo.

Essa instalação é completa, tanto na sala como no palco. A luz é perfeitamente graduada por um aparelho engenhosíssimo, que produz, na cena, o efeito exato do sol, da lua e do relâmpago, que nos teatros do Rio de Janeiro é obtido ainda com a chama do licopódio, como no tempo da onça.

O sr. Soucasseaux pretende construir um teatro de pedra e cal no mesmo terreno em que se acha o seu teatrinho de madeira, cujo plano só será alterado com a inclusão de uma galeria, ou paraíso, como dizem os franceses, com a elevação de alguns palmos, dada aos camarotes e com um pouco mais de inclinação no palco.

Feitas essas alterações e rebaixando-se um pouco a balaustrada dos camarotes, que é um tanto alta, o teatrinho de Belo Horizonte preencherá perfeitamente os seus fins.

A disposição dos camarotes é magnífica, o palco de bom tamanho, os corredores largos, o aspecto geral da sala simpático, elegante e leve.

O teatro, convenientemente fechado, ficará no centro de um jardim, oferecendo todas as comodidades possíveis não só aos espectadores como aos artistas.

Não será grande a lotação, mas por enquanto Belo Horizonte não tem população teatreira para mais e não há nada tão triste como um teatro vazio em noite de espetáculo.

#### X I V

Não deixarei de mencionar a visita que fiz ao dr. Antônio Olyntho, na sua bonita avenida, onde vi curiosidades mineralógicas dignas de um museu.

Felizmente a política não o afastou dos estudos científicos: esse distinto brasileiro continua a prestar os melhores serviços como lente da Escola de Minas de Ouro Preto.

O ele habitar Belo Horizonte é uma espécie de reclamo feito à capital mineira. Imaginem que o dr. Antônio Olyntho, para não deixar de residir num clima propício à saúde de seus filhos, sujeita-se a ir todas as quintas-feiras dar aula em Ouro Preto, regressando aos sábados!

O ilustre professor ofereceu-me um exemplar do curioso romance Acayaca, de J. Felício dos Santos, que reeditou quando redigia em Ouro Preto o Diário de Minas, e bem assim um exemplar das suas magníficas Silhuetas Parlamentares, que tanto barulho fizeram quando apareceram em 1898.

É o dr. Antônio Olyntho uma das figuras mais notáveis da roda intelectual de Belo Horizonte, em que brilham, além de outros indivíduos já citados nestes artigos, os drs. Affonso Penna, Aureliano Magalhães, João Luiz Alves, Eduardo da Gama Cerqueira, João Horta, Levindo Lopes, Camilo de Brito Oscar Trompowsky, Raymundo Felicíssimo, Benjamin Moss, coronel Júlio Pinto, construtor Antonini e tantos outros cuja enumeração completa daria a este artigo uma feição de almanaque.

— Por ocasião de uma festa de família, realizada em casa do coronel Martins, que tão obsequiosamente me hospedara, tive ocasião de ver de perto a fina flor da sociedade belo-horizontina.

Nessa ocasião conheci o dr. Edgardo Carlos, chefe de Polícia, inteligente e zeloso funcionário, que me deu informações muito interessantes sobre o seu melindroso serviço.

— A população mineira, disse-me ele, é a mais pacífica do mundo. A polícia nesta boa terra muito pouco teria que fazer se não fosse o colono.

— No mesmo sarau ouvi um excelente concerto musical, organizado pelo prorecto professor José Nicodemos, que era popular em Ouro Preto e é popularíssimo em Belo Horizonte, onde toda a gente lhe quer bem.

Nesse concerto tomaram parte distintos amadores, como o dr. Ismael Franzen e o capitalista e agricultor Innocencio Pinheiro, tipo completo do musicófilo e tocador insigne de contrabaixo.

Citarei ainda, como executantes de mérito, os srs. José Felicíssimo, Antônio Frade Sobrinho, Alfredo Furst, Vicente do Espírito Santo e Francisco Moreira. *J'en passe et des meilleurs*; as minhas notas são incompletas; foram tomadas muito à ligeira.

Falaram-me com elogios do sr. Ramos de Lima, compositor musical a quem fui apresentado. Infelizmente não tive o prazer de ouvir nenhuma composição sua.

— O concerto com que o coronel Martins obsequiou os seus convidados terminou pela execução de duas ou três peças por um formoso grupo de bandolinistas, discípulas todas do velho Nicodemos, que, radiante, dirigia essa orquestra de anjos.

Foi com saudades que me despedi de Belo Horizonte e dos belo-horizontinos, regressando à Capital Federal.

No dia da minha partida, não encontrando prosa com que pudesse exprimir a minha gratidão, escrevi um soneto, que foi publicado no *Minas Gerais*. Por desgraça, a obra não me saiu digna de Belo Horizonte, nem traduziu fielmente as impressões que me ficaram.

Melhor do que eu fiz em verso provarei o meu reconhecimento recomendando às famílias fluminenses a capital mineira como uma bela cidade de verão. Encontrarão aí todas as comodidades, e serão muito bem tratadas no Grande Hotel, estabelecimento de primeira ordem, do qual é proprietário o estimável cavalheiro sr. Manoel Lopes de Figueiredo, e cujo serviço satisfaz, segundo me consta, aos hóspedes mais exigentes. — Arthur Azevedo."

Publicadas no *Minas Gerais* de 03-02-1902.